

GRIOTS: MEMÓRIAS, IDENTIDADE E RESSIGNIFICAÇÃO NO ENVELHECER – RELATO DE EXPERIÊNCIAS SOBRE O LIVRO ÁRVORE

Maeli Gomes de Oliveira¹

Tamires Maria Lima Gonçalves Santos²

RESUMO

O presente trabalho apresenta a criação do livro Griots, que se trata de um projeto que discute questões ligadas à memória, identidade e ancestralidade. Para essa produção, foram realizadas oficinas arte-educativas em espaços públicos através do Edital Arte todo dia da Fundação Gregório de Mattos. É fruto do compartilhamento de saberes com idosos de sete asilos e um orfanato em Salvador e buscou salvaguardar formas de ser ancestral.

*

Introdução: o início da jornada

No território brasileiro a velhice aparece simbolicamente como o período de descansar, aposentar sendo até mesmo considerado como improdutivo. É também uma busca de retiro, em que não se pode assumir de forma física e mental certas ações no conjunto social. Nesse período torna-se necessário fortalecer vínculos familiares e de convívio para promover a autonomia e a sociabilidade dos idosos. Embora, o envelhecimento populacional, seja um fenômeno universal, marcado pela velocidade da transição demográfica comprovada no nosso país, não é notório o investimento em políticas públicas sociais e de saúde que favoreçam o envelhecer saudável ou mesmo que garantam uma cobertura de atenção ao idoso que não consiga conviver em espaços familiares seguros.

¹ Doutora em Saúde Pública pela Universidade Federal da Bahia. É docente adjunta do curso de Enfermagem da Universidade Estadual de Feira de Santana atuando em supervisão de Estágio no Hospital Especializado em Saúde Mental Lopes Rodrigues, atuando no Grupo de Trabalho Humanizado. E-mail: maelioli@hotmail.com.

² Doutoranda em Educação pela Universidad Autónoma de Madrid. Mestre em Desenho, Cultura e Interatividade pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Docente na Universidade Federal da Bahia, atuante no curso de Design com foco em Ilustração e Educação Inclusiva à crianças surdas. E-mail: tamilima.santos@gmail.com.

Após conhecimento dessa realidade e da legislação brasileira com base no Estatuto do Idoso que respalda os direitos das pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, e que além das necessidades básicas como higiene, alimentação e moradia, ressalta que manter a mente ativa através da realização contínua de atividades artísticas e culturais são vitais para manutenção da saúde mental e física da pessoa idosa. Foi a partir desse conhecimento que se buscou o desenvolvimento do projeto **Griots: arte e ancestralidade**, com o objetivo de estimular a realização de atividades artísticas e educativas entre as pessoas idosas que ocupam esses espaços de acolhimento e retiro, através do resgate das suas memórias e histórias vivenciadas e compartilhadas. E através dessas vivências criou-se o livro árvore.

O livro árvore é uma produção editorial, o qual consiste em poesias, fotos e detalhes como: folhas flores, raízes e papéis transparentes que significam as memórias e afetos das pessoas idosas residentes nessas casas. Convém ainda dizer que a fonte de inspiração para a escolha do nome Griots, originou-se no vocábulo jali ou jeli (djeli ou djéli na ortografia francesa), que define as pessoas comprometidas em preservar e compartilhar histórias, fatos históricos e os conhecimentos e as canções de seu povo. Existem os griots músicos e os griots contadores de histórias. Eles ensinavam a arte, o conhecimento de plantas, tradições, histórias e davam conselhos aos jovens príncipes. Além disso são eles os responsáveis por assegurarem a tradição e a cultura ao compartilharem com os demais as suas experiências.

Nesse sentido, as atividades propostas foram substanciais para o levantamento das memórias e histórias desses sujeitos, pois durante a realização das mesmas, estabeleceu-se um vínculo de confiança, o que favoreceu a partilha de suas experiências de vida. Nesses marcantes momentos, eles contaram suas histórias e compartilharam aprendizados com uma atividade sensitiva. No desenvolvimento dessas atividades foi realizada uma contação das histórias relatadas pelos idosos com as crianças do Espaço Lar Vida, onde as mesmas, ouviram as histórias e desenharam o que sentiram em cada história contada. As histórias foram cruciais para a criação do livro, pois se tornou um material experimentado, fugindo de bases clássicas, dando originalidade aos assuntos ligados à memória dos nossos Griots.

Memórias, identidade e resignificação no envelhecer

Muitas pessoas não aceitam o processo de envelhecimento e até chegam a adoecer psicologicamente por não compreenderem o seu novo lugar no mundo. No tocante à autoimagem, memórias e identidade existe um arcabouço teórico definindo sobre o significado de cada variável nesse processo de envelhecimento. Em relação à autoestima, Morais (2009), afirma que a mesma poderá influenciar para uma boa ou má qualidade de vida. Considerando a importância do espaço que ocupamos no mundo, a identidade é o “[...] o produto de uma intersecção de diferentes componentes, de discursos políticos e culturais e de histórias particulares” (HALL, 2006, p.38). Muitos fatos históricos acontecem no entorno de uma pessoa, mas é considerado relevante o que traz significado para a vida particular, pois isso define quem é a pessoa e como quer ser representada.

Desse modo, assim como as histórias, as pessoas tendem a trazer consigo traços de seu pertencimento, sua identidade e memória, que dependem das particularidades do contexto sociocultural de que fazem parte. Muitas pessoas tornam-se adultas e não permanecem no lugar de origem, mas levam consigo essas marcas e as memórias de sua infância. Essas memórias podem ser revividas e recontadas com riso, se forem lembranças boas e nostálgicas.

Pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições. [...] Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão unificadas no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias “casas” (e não a uma “casa” particular). (HALL, 2006, p.89).

Assim, o avivamento da memória traz à tona uma imensa bagagem de relações construídas em diversos locais, culturas e relações interpessoais. Já a memória é a reunião de recordações sobre histórias de vida ou histórias de um grupo. Essas lembranças têm relação com a infância, com pessoas, lugares e fatos que lhe ocorreram; até mesmo experiências sensoriais podem ficar guardadas como memórias. O inconsciente preserva aquilo que é considerado mais importante, seja uma memória de algo bom ou ruim que aconteceu. Sendo assim, percebe-se que a memória é seletiva e a

capacidade de guardar não é relacionada pela idade ou pelo que diz para decorar: a memória é guiada pelo impacto que algumas sensações ou momentos nos causam. Assim, ressalta-se como se compõe sentimentos de identidade. Para o autor:

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLACK, 1992, p.204).

Dessa forma, entende-se porque muitas pessoas não guardam na memória os fatos históricos importantes do país, já que tais momentos não influenciaram diretamente suas vidas. Então, os fatos foram esquecidos de suas lembranças, porém, o cérebro também possui a capacidade de apagar propositalmente as memórias ruins, que causaram muita dor à pessoa. Nesses casos, pode-se reafirmar como a memória seleciona os fatos que constituem a identidade. Para Pollack (1992), a memória é atemporal, e o sujeito pode manter acesa na memória o que considera mais importante, saltando o tempo e realocando em outros momentos da história, buscando a ressignificação.

Na memória individual, permanecem a personalidade e histórias particulares da vida, enquanto, na memória coletiva, é possível evocar recordações impessoais quando for de interesse do grupo; um exemplo é a função da oralidade de transmitir conhecimentos e histórias que foram vividas pelos antepassados. São recordações não vividas, mas foram sentidas pelo grupo em geral, então permanecem o sentimento de recordação e o desejo de perpetuar esse sentimento aos mais novos do grupo. Dessa forma, a memória é constituinte da organização social e cultural da vida. Cabe à pesquisadora o cuidado ao analisar os relatos orais das memórias, entendendo-os como tramas de significados em movimento, que se deslocam no tempo e segregam recordações que podem ou não vir à tona em outros momentos.

A narrativa de suas recordações é o esforço de um sujeito para construir sua identidade. As histórias de vida devem ser consideradas como expressões da identidade social do informante, e essa identidade é o resultado de um processo de apropriação simbólica do real. Ao investir no relato e na ação, ao conferir sentido aos gestos e materializar as significações adquiridas, o ator torna-se sujeito dos seus atos. (MOTT; NEVES; VENÂNCIO, 1988, p.35).

Nesse sentido, recordar é um modo de construir a identidade. O que é lembrado tem valor simbólico e contribui para que a pessoa se desenvolva. Dessa maneira, também se percebe elos com a ancestralidade, pelo avivamento de suas origens e a transferência de práticas passadas às próximas gerações. Portanto, escolher um suporte atemporal para contar tais histórias é fundamental para trazer ao idoso um sentimento de representação. Tendo em vista que a Política Nacional do Idoso (Lei Nº 8.842) declara em seu primeiro artigo o objetivo de assegurar direitos dos idosos, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade (BRASIL, 1994), é preciso revisitar práticas de reintegrar tais pessoas à sociedade.

Tendo em vista a variabilidade desses conceitos de memória, identidade, autoestima e sua subjetividade, com o propósito de promover orientações para um envelhecimento com a salvaguarda de suas histórias é que nasce a ferramenta livro. Com a produção literária, pode-se notar a intrínseca relação entre memória e identidade, já que as histórias carregam traços sobre memórias, pertencimento e etnia do autor. Para Ferreira (2005), a identidade social reflete a etnicidade, como o entendimento dos traços culturais identificadores e diferenciadores dos grupos.

O caminho metodológico

O caminho metodológico utilizado nesta pesquisa permeia a Etnografia e o Design Thinking. A etnografia trata-se de um ramo da antropologia social em que o pesquisador tem contato direto com o sujeito ou com a comunidade que deseja estudar e busca compreender um pouco de sua cultura para registrá-la. Percebe-se que o método etnográfico propõe a interpretação do comportamento de indivíduos ou grupos (CLIFFORD, 1998). Outros autores apoiadores da etnografia que deram suporte na metodologia foram Minayo (1994) com Pesquisa social: teoria, método e criatividade, e Thompson (1998) com Ideologia e cultura moderna. O autor John Thompson(1998) acredita na importância da aplicação de uma metodologia interpretativa, analisando as formas simbólicas encontradas como expressões culturais. Portanto, durante oito meses houve o contato com a comunidade idosa de Salvador ao visitar sete instituições de longa permanência públicas nos bairros: Itapuã, Piatã, Brotas, Campinas de Brotas, Barbalho, São Tomé de Paripe, Boa Viagem.

Nesse momento foram propostas as oficinas arte-educativas para promover o acesso ao lazer e a cultura e também conhecer suas histórias. Essa série de atividades criativas instigou aspectos cognitivos dos idosos. A oficina de bonecas estimulou a memória afetiva sobre elos familiares, a oficina de plantas medicinais ajudou a recordar os ambientes vividos, como a casa e seu cotidiano doméstico, as oficinas de recorte e colagem estimularam a coordenação motora, abriu fronteiras para as conversas sobre a sensação de cada cor e sua importância em memórias e a Oficina de cadernos de memórias, os fez lembrar de grandes histórias que marcaram suas vidas. Como última experimentação, compartilhamos as histórias contadas e fotos dos idosos para nova geração, ou seja, crianças. Visitamos o Orfanato Lar Vida e fizemos uma oficina de desenho e encadernação a partir das memórias dos idosos. Após o período das oficinas deu-se o desenvolvimento do livro e nessa etapa foi utilizado o Design Thinking (2011), metodologia criativa advinda do Design colaborativo, em que o público-alvo é inserido no processo. A metodologia então se divide em três fases: Imersão, Ideação e Prototipação. Na Imersão, o objetivo é propor ideias, conhecer e reunir informações sobre o público-alvo. Para tanto, foi realizadas as oficinas previamente apresentadas. Na Ideação foram organizadas as histórias compartilhadas e definições sobre como as memórias afetivas deveriam ser registradas em poesia, fotografia e desenhos no livro. Já na Prototipação, o primeiro livro nasceu, ao ser diagramado, impresso e montado. Esse momento foi validado em dois momentos: o primeiro sendo o retorno à Casa de Repouso Rosa Menina em Piatã, e o segundo momento foi o lançamento do livro Griots: Arte e Ancestralidade no espaço Ativa Atelier - Rio Vermelho.

Resultados e experiências

A memória é um elo constituinte entre as recordações das histórias de vida do indivíduo e a formação de si mesmo. Essas lembranças são selecionadas e registradas no inconsciente e podem ser reavivadas através de conversas, entrevistas e momentos de ordem sensorial tais como barulhos, cheiros e cores que remetem a alguma passagem da vida. Dessa forma, é possível perceber que a memória possui movimento próprio, pois ela “[...] desloca-se no tempo, sai do presente em direção ao

tempo vivido e refaz o caminho em direção ao presente, é nesse tempo que ela vive” (FERREIRA, 2005, p.6). Assim, observa-se a não obrigatoriedade da memória em obedecer ao tempo cronológico. As recordações que serão mais marcantes nem sempre serão as mais previsíveis, como um aniversário ou uma conquista no âmbito profissional ou acadêmico. O registro da memória pode se ater a um lugar visitado apenas uma vez na infância ou fatos corriqueiros da vizinhança, o que importa é como esses momentos podem marcar a história e a lembrança de um sujeito.

Por meio de conversas e trocas de experiências, as marisqueiras contaram um pouco de suas lembranças e reconstruíram brinquedos que pensavam ter esquecido. Realizar tais atividades foi um aprofundamento da reflexão sobre o lugar que memórias tem no mundo, e como estão relacionadas com a ancestralidade. A importância de cada fato em suas vidas, o que carregam com eles por tanto tempo e a maior descoberta: o tempo tem sua própria maneira de caminhar e a relevância do que fazemos e do que somos varia no contexto social e familiar que ocupamos. É preciso construir história com os pontos-chaves relevantes e saber que se transformarão em memórias e marcas de nossos corpos.



Figura 1 – Oficina em Abrigo São Gabriel, Ribeira – Salvador. Fonte da autora

E por falar em corpo, esse foi o quesito crucial para planejar as atividades arte-educativas, uma vez que foi necessário desacelerar, pensar no tempo, nas conversas, na coordenação motora e nos materiais utilizados. Essa percepção foi sentida nas primeiras atividades pois os idosos queriam receber os produtos da oficina já prontos (a boneca, o

caderno), pois já estavam acostumados a fazer atividades mais simples como pintar ou colar. Então foi necessário fazê-los acreditar em suas próprias habilidades, e as cuidadoras agradeceram muito pelos estímulos de coordenação motora e psicológico gerados.



Figuras 2 a 6 – Fotos das oficinas nos asilos e orfanato em Salvador. Fonte da autora

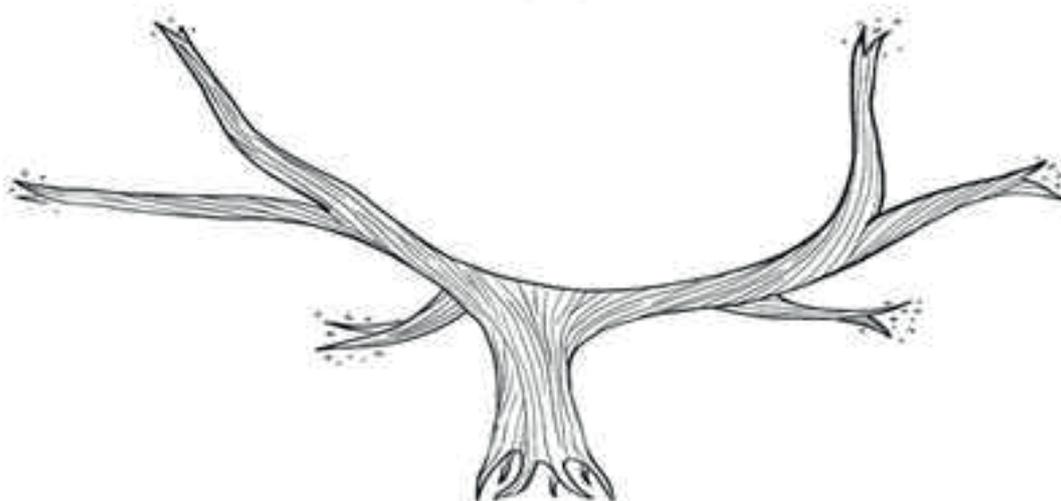
O livro Griots: Arte e Ancestralidade

O projeto culminou em um livro de poesias cujo tema está relacionado à memória dos afetos e a produção do livro contou com o apoio financeiro do Edital Arte Todo Dia da Fundação Gregório de Mattos 2018, com a curadoria de Juci Reis. Essa produção buscou um diálogo entre o passado e presente e discute a amplitude de ser idoso, de ser ancestral. E, para isso, o livro se mostra não só um livro em formato tradicional, ele se transforma, a cada página aberta se apresenta como um novo tronco e galho, iniciando como raiz de uma árvore que frutifica, assim como os idosos, também chamados Griots.

Na parte conceitual o livro buscou-se tratar o tema de forma poética, e colocar esse momento da vida humana envelhece e que os idosos refletem o passado e o futuro. Eles são a raiz e nós o tronco que frutificamos. Tudo a extensão de um corpo só. E por isso, o elemento árvore. Na parte estética o livro assume um formato novo, o livro objeto, que na esfera editorial se torna

criativo pela sua existência e complementa o tema discutido. As técnicas utilizadas no livro são a risografia, serigrafia, dobradura e colagem de folhas coletadas durante o processo. Por fim, o jogo de transparências também remete à memória. A árvore representa um traço de culturas negras, ela representa um lugar de segurança, onde são narradas histórias, gera sombra e dá frutos. E mantém uma relação com os idosos desse projeto, se apresentam como uma árvore que fica mais bela quando está mais velha.

Essas relações entre a obra, memória e ancestralidade se aprofundam quando analisamos as escolhas do papel com pequenas manchas que aumentarão com o tempo, o tipo de impressão com pequeninas falhas e partes desfocadas numa tentativa de captar o etéreo e o deslocamento no tempo, assim como as memórias devem ser. Considerando que a ancestralidade está ligada ao sentimento de origem e pertencimento ao realizar certas práticas, no projeto gráfico e montagem foi proposta essa interação a partir da escolha do processo de impressão, mas também na proposta de interação da leitora e do leitor a partir do toque. Esse toque foi pensado na colagem de folhas, flores e raízes, nas janelas de papel-manteiga trazendo imagens turvas e cor dourada, trazendo um toque antigo. Todos esses elementos corroboram em uma proposta decolonial, fugindo do molde clássico do livro, propondo uma nova narrativa de contar histórias em um suporte original, o livro de artista Griots.



Figuras 7 – Imagens do livro. Fonte da autora



Figuras 8 a 11 – Imagens do livro. Fonte da autora

Compartilhando e trocando saberes

O lançamento foi um chá da tarde no Ativa Atelier Livre (endereço: Rua Tupinambás, 423, Rio Vermelho). Essa temática de chá foi escolhida exatamente por estar próxima do que seria uma atividade popular entre idosos. Nesse momento foi realizada uma roda de conversa sobre memória, idosos e afetos, os participantes relembrou histórias dos idosos de seu cotidiano e de sua própria vida. Também foi um momento de contar as histórias que inspiraram cada poesia e refletir sobre a situação atual dessa comunidade na cidade e como contemplá-los cada vez mais.

Como validação do projeto, houve também a entrega dos livros nas instituições de longa permanência e os idosos ficaram muitos contentes quando se viram no livro. Esse momento de retorno foi de extrema importância para completar o ciclo do projeto, assim como foi valioso ter realizado esse registro de suas histórias no livro físico por ser um objeto palpável e que está compartilhado com o mundo.



Reposou Rosa Menina. Fonte da autora

Fechando um ciclo

O reconhecimento dos idosos ao visualizar o livro demonstrou euforia e alegria em ver suas histórias registradas e a aceitação do livro na Roda de conversa sobre Envelhecimento e Resignificações foi de grande relevância. Dessa forma, percebe-se a importância da essência do caminho metodológico seguido, pois deu grande ênfase à convivência do período estipulado com os sujeitos da pesquisa. Conhecê-los e envolver-se no ambiente foi uma forma de entender como essa comunidade idosa se sentia em relação ao registro da memória, das histórias e do afeto.

A partir desse projeto percebeu-se que a população brasileira está envelhecendo, e este é um reflexo, dentre outros fatores, do aumento da expectativa de vida devido aos avanços que o sistema de saúde vem conquistando. Entender esse fenômeno e valorizar as transmissões de saberes e fazeres pertencentes ao patrimônio imaterial foram as principais circunstâncias que levou à essa criação. É observado também a importância de considerar os sujeitos da terceira idade como um público que carece de políticas de inclusão.

Essa reflexão se faz necessária ao considerar a escassez de ações

culturais e artísticas que as instituições que amparam os idosos enfrentam atualmente. Desta forma, essa série de atividades arte-educativas incentivaram de forma criativa este público e ao mesmo tempo gerou material paradidático de apoio para os educadores, médicos e servidores das instituições numa ação multiplicadora. Além de uma ferramenta pedagógica, o livro Griots registrou a história desses idosos e assim, suas memórias, afetos e salvaguardou formas de ser ancestral. Temos que a memória apresenta rastros de um passado, e nesse projeto tem-se representada as origens dessas senhoras para demarcar sua ancestralidade e compartilhar tais saberes à crianças na sessão do projeto e as leitoras e leitores do livro produzido, tendo em vista um novo discurso, uma narrativa decolonial ao inovar nos processos gráficos e de contar a história da comunidade idosa participante que são raiz e têm tanto a nos contar.

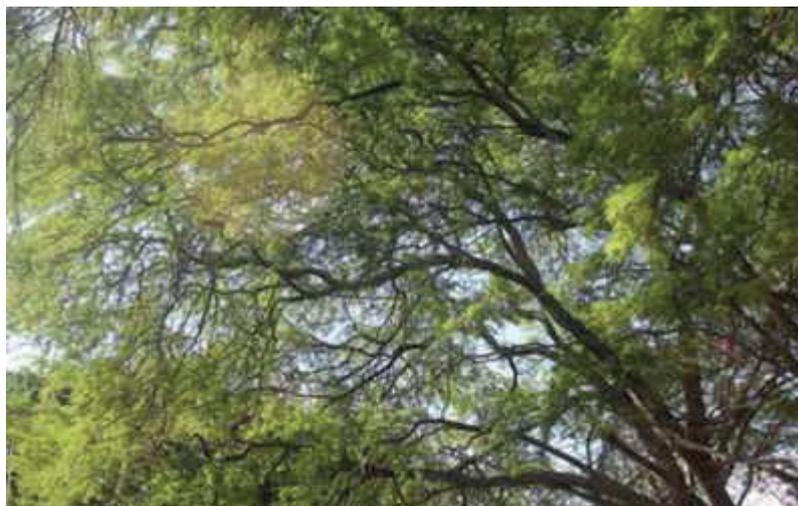
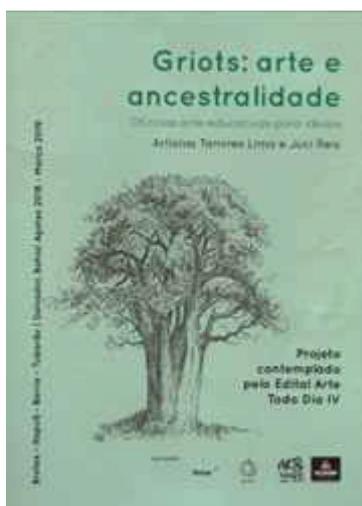


Figura 17 e 18 – Fachada do primeiro asilo visitado e cartaz final de divulgação. Fonte da autora

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei Nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1994. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8842.htm. Acesso em: 23 abr. 2018.

BRASIL. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o estatuto do idoso e dá outras providências. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 3 out. 2003.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica:** Antropologia e literatura no século XX. RJ: Editora UFRJ, 1998

FERREIRA, Edson Dias. Desenho e Antropologia: influências da cultura na produção autoral. In: **International Conference On Graphics Engineering For Arts And Design**, 6, Anais, Recife, 2005.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11 ed. RJ: DP&A, 2006.
MOTT, M.; NEVES, M.; VENÂNCIO, R. A escravidão e a criança negra. **Revista Ciência Hoje:** Suplemento Negros Brasileiros, Rio de Janeiro, v.8, n.48, p.20-23, 1988.

MINAYO, M. **Pesquisa Social:** Teoria, método e criatividade. 7ª Ed, Petrópolis: Ed. Vozes, 1994.

MORAIS, O. N. P. de. Grupos de idosos: Atuação da psicogerontologia no enfoque preventivo. **Psicologia:** Ciência e Profissão, Brasília, v.29, n.4, p.846-855, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000400014>. Acesso em: 30 de julho de 2021.

PARIOL, C; BOVOLINI, T; SARDINHA, L; LEMOS, V. A influência da autoestima no processo do envelhecimento: uma visão da psicologia. In: **Revista Diálogos Interdisciplinares** 2019 VOL. 8 Nº 1 – ISSN 2317-3793

POLLAK, Michel. **Memória, esquecimento, silêncio.** Estudos Históricos, RJ, v. 2, n. 3, p.3-15, 1989.

SALDANHA, Amanda; RAUPP, Luciane. Livro da vida: reativando memórias e ressignificando experiências de vida de um grupo de idosas (os). In: **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento.** ISSN: 1517-2473 (impresso) e 2316-2171 (eletrônico) Qualis Capes 2019, A3 DOI: <<https://doi.org/10.22456/2316-2171.66095>>. Acesso em: 30 de julho de 2021.

SILVA, Maurício [et. all]. **Design Thinking:** Inovação em negócios. 1º ed. – RJ: MJV Press, 2011.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura moderna.** 2ª Ed, Petrópolis: Vozes, 1998.